

Um Espectro Ronda A Geografia: O Espectro Da Memorização

A Specter Is Haunting Geography: The Spectrum Of Memory

Sabrina Guimarães Reis

Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: sabrina.geo@hotmail.com

Nestor André Kaercher

Doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: nestorandrek@gmail.com

Endereço: Sabrina Guimarães Reis

Rua do Matoso, 125, apto 438, Praça da Bandeira, Rio de Janeiro, RJ. – Brasil, CEP: 20270-132

Endereço: Nestor André Kaercher

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Av. Paulo Gama, s/n Prédio 12201 - 9o andar Farroupilha Porto Alegre, RS - Brasil

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 13/09/2015. Última versão recebida em 06/09/2015. Aprovado em 07/10/2015.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

RESUMO

O presente artigo consiste em um recorte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado, apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo título original é “A Geografia escolar tem tudo pra ser e não é. Por quê?”. Aqui procuramos apresentar a discussão introdutória da dissertação que objetiva colocar em evidência o descontentamento de alunos e professores quanto ao ensino de Geografia na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio).

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Lacoste. Memorização. Permanências.

ABSTRACT

This article consists of a snip of the first chapter of the dissertation , presented to the Federal University of Rio Grande do Sul, whose original title is "School Geography has everything to be and is not. Because?". Here we try to introduce the introductory discussion of the dissertation which aims to highlight the dissatisfaction of students and teachers on the teaching of geography in basic education (primary and secondary schools).

Key Words: Geography Teaching. Lacoste. Memorization. Stays.

1 INTRODUÇÃO

No ano de 1976, o geógrafo francês Yves Lacoste publicava sua obra - *A Geografia: Isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Segundo Moraes (2007), Lacoste foi o autor que formulou a crítica mais radical da Geografia Tradicional. O autor afirmava que para o senso comum a Geografia não passava de “uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria a de fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção ‘desinteressada’ da cultura dita geral” (LACOSTE, 2009, p. 21).

Em sua obra, Lacoste nos alertava que o conhecimento geográfico podia ser dividido em dois planos, sendo eles: Geografia dos Estados-Maiores e a Geografia dos Professores. A Geografia dos Estados-Maiores seria a “verdadeira Geografia”, aquela ligada à própria prática do poder. Essa Geografia se dá como instrumento para estabelecer estratégias de ação para o domínio do espaço terrestre. No outro plano, poderíamos ver a Geografia dos Professores, que resumidamente possui duas funções: a primeira delas é a de mascarar a existência da Geografia dos Estados-Maiores. Fazer com que a sociedade tenha a Geografia como uma mera disciplina escolar puramente descritiva e sem utilidade alguma para a vida cotidiana. A segunda é levantar dados para a Geografia dos Estados-Maiores de maneira camuflada. O geógrafo francês enxergava a Geografia como instrumento de dominação da burguesia e propunha a Geografia Crítica como instrumento de denúncia e como arma de combate que pode ser usada na superação da ordem capitalista.

Lacoste (2009) também chama a atenção para outro fator importante que é a dicotomia existente entre a visão fragmentada e a visão do todo. O Estado ou a grande empresa, que são os principais detentores do poder, sempre possuem uma visão integrada do espaço, dada pela intervenção articulada em vários lugares. Por outro lado, o cidadão comum tem uma visão fracionada do espaço, pois só concebe os lugares abarcados por sua vivência cotidiana, e só esporadicamente possui informações da realidade de outros lugares (através da mídia, por exemplo). Ainda que o indivíduo possa viajar e conhecer muitos lugares, essa consciência se dá de uma forma parcial, diferentemente do Estado, que possui uma visão articulada do espaço, uma vez que age sobre todos os lugares, e isso acaba por se transformar em arma de dominação. De acordo com o momento histórico vivido na época, a obra de Lacoste foi fundamental, pois criticava o tipo de Geografia presente nas salas de aula, apontando sua verdadeira essência, até então escondida sob a máscara de um saber enciclopédico e sem utilidade. A começar pelo título forte e que chama a atenção – *A Geografia: Isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra* - a obra do geógrafo francês nos faz pensar sobre a

utilidade e importância dos conhecimentos geográficos para a vida cotidiana e exercício de poder.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estudar geografia... por quê? para quê?

Para que se construa um saber consciente, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores, é necessário que se tenha clareza do objeto de estudo em questão, bem como de sua utilidade prática e importância. Por isso, é interessante que façamos uma reflexão, ainda que breve, sobre a importância do ensino de Geografia.

No passado a Geografia escolar foi sustentada por seu papel de difusora de uma ideologia nacionalista e patriótica. De acordo com Vesentini (2008, p. 32) somava-se a este papel:

Inculcar a ideia de que a forma Estado-nação é natural e eterna; apagar da memória coletiva as formas anteriores de organização espacial da(s) sociedade(s), tais como as Cidades-estados, os feudos, etc.; enaltecer o ‘nosso’ Estado-nação (ou ‘país’ termo mais ligado ao território e menos à história), destacando sua potencialidade, sua originalidade, o ‘futuro’ glorioso que o esperava.

Porém, com o surgimento do movimento de renovação do pensamento geográfico, essas finalidades foram contestadas e postas em cheque, já que o movimento de renovação buscava romper com a Geografia Tradicional e seus pressupostos. Hoje é possível afirmar que “a missão, quase sagrada, da geografia no ensino é a de alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico, em suas diversas escalas e configurações” (PEREIRA, 2005, p. 151) (grifo do autor). Pois é a leitura e análise do espaço que auxiliam nossa compreensão das diferenças sociais, culturais e políticas da nossa sociedade. A alfabetização do espaço vai bem além da decodificação de símbolos. Ela implica permitir que o sujeito consiga decifrar e interpretar o espaço à sua volta, compreendendo os fenômenos em seu constante processo de totalização e percebendo as possibilidades de atuação sobre ele.

Para Cavalcanti (2011, p. 11), o papel do ensino de Geografia é “prover bases e meios de desenvolvimento e ampliação da capacidade dos alunos de apreensão da realidade do ponto de vista da espacialidade, ou seja, da compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço”.

No trecho abaixo, Oliveira (2008, p. 42), sintetiza muito bem a importância da Geografia e o seu papel no Ensino Fundamental e Médio:

A geografia, como as demais ciências que fazem parte do currículo de 1º e 2º graus, procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade tendo em vista a sua transformação. Essa realidade é uma totalidade que envolve sociedade e natureza. Cabe à geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza. Para entender esse espaço produzido, é necessário entender as relações entre os homens, pois dependendo da forma como eles se organizam para a produção e distribuição dos bens materiais, os espaços que produzem vão adquirindo determinadas formas que materializam essa organização social. Neste sentido, a geografia explica como as sociedades produzem o espaço, conforme seus interesses em determinados momentos históricos e que esse processo implica uma transformação contínua.

“A educação para a cidadania é um desafio para o ensino de nível médio, e a Geografia é uma das possibilidades e o seu conteúdo pode ser trabalhado de forma que o aluno construa a sua cidadania” (CALLAI, 1999, p. 79). Assim, cabe a nós nos perguntarmos como a Geografia pode contribuir na formação do aluno enquanto cidadão. Segundo Giroux (1986) *apud* Callai (1999), “os teóricos educacionais e, mais precisamente, uma teoria da educação para a cidadania, terão que combinar crítica histórica, reflexão crítica e ação social”. A autora vai além afirmando que os conteúdos abordados em sala de aula devem assumir a tríplice função de “resgatar o conhecimento produzido cientificamente, reconhecer e valorizar o conhecimento que cada um traz consigo, como resultado de sua própria vida, e dar um sentido social para este saber que resulta”.

Vejamos, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a finalidade da Geografia no Ensino Fundamental e Médio:

No Ensino Fundamental, o papel da Geografia é “alfabetizar” o aluno espacialmente em suas diversas escalas e configurações, dando-lhe suficiente capacitação para manipular noções de paisagem, espaço, natureza, Estado e sociedade. No Ensino Médio, o aluno deve construir competências que permitam a análise do real, revelando as causas e efeitos, a intensidade, à heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade. (PCN, Ensino Médio, p. 30).

Ainda, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de Geografia deve auxiliar o aluno, proporcionando a ele:

- orientar o seu olhar para os fenômenos ligados ao espaço, reconhecendo-os não apenas a partir da dicotomia sociedade-natureza, mas tomando-os como produto das relações que orientam seu cotidiano, definem seu “locus espacial” e o interligam a outros conjuntos espaciais;
- reconhecer as contradições e os conflitos econômicos, sociais e culturais, o que permite comparar e avaliar qualidade de vida, hábitos, formas de utilização e/ou

exploração de recursos e pessoas, em busca do respeito às diferenças e de uma organização social mais equânime;

- tornar-se sujeito do processo ensino-aprendizagem para se descobrir convivendo em escala local, regional, nacional e global. A autonomia que a identidade do cidadão confere é necessária para expressar sua responsabilidade com o seu “lugar-mundo”, através de sua identidade territorial (PCN, Ensino Médio, p. 31).

Chamando atenção para o segundo ponto disposto na citação acima, que fala sobre os alunos terem habilidade de trabalhar na busca do respeito às diferenças e de uma organização social mais justa, trazemos Oliveira (2008) que diz: “como todos sabemos, o ensino de uma forma geral e especificamente o de geografia passa por profunda crise. **O saber ensinado está longe de permitir aos jovens sequer entender o mundo, quanto mais transformá-lo**”. Esse antagonismo presente entre o apontamento do PCN e a fala de Oliveira é um dos indícios de que a finalidade do ensino de Geografia, apesar de ter mudado ao longo dos anos para atender às demandas de uma sociedade em constante transformação, ainda não possui, em sala de aula, o êxito esperado e descrito na fala dos autores e nos documentos que norteiam os rumos da educação.

Retornando à Lacoste, vimos que suas contribuições foram importantíssimas para a Geografia e (infelizmente) ainda hoje servem de referência para muitos pesquisadores e estudiosos da Geografia. Infelizmente por quê? Porque diante do atual quadro em que se encontra o ensino de Geografia, a obra de Lacoste¹ continua dando conta de explicar parte da nossa realidade. Se hoje sua obra fosse considerada totalmente obsoleta, de certo, significaria que mudanças radicais (essenciais) teriam ocorrido – o que não é o caso. Lacoste (2009) sintetizou a opinião da população em relação à Geografia como sendo:

Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, "em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória..." De qualquer forma, após alguns anos, os alunos não querem mais ouvir falar dessas aulas que enumeram, para cada região ou para cada país, o relevo - clima - vegetação – população - agricultura - cidades – indústrias (LACOSTE, 2009, p. 21) (grifo nosso).

Diante da análise feita pelo autor em 1976 poderemos ver, nos dois próximos subtítulos, o que mudou e o que permanece igual no que diz respeito à opinião das pessoas sobre a Geografia escolar.

¹ Vale ressaltar que estamos utilizando a edição de 2009 da obra de Lacoste, sendo que a primeira edição é do ano de 1976.

3 METODOLOGIA

3.1 A Geografia escolar na visão dos alunos

Em pesquisa realizada com estudantes da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro, para a elaboração do meu TCC (2011), pudemos avaliar a percepção dos alunos do Ensino Médio sobre o ensino de Geografia em suas escolas. Além da entrevista com os alunos, nossa análise pôde ser aprofundada pelas conversas informais com os professores e pela observação de aula, realizadas durante o segundo ano de Estágio Supervisionado. A entrevista em questão poderá contribuir para nossa pesquisa ilustrando a reflexão apresentada até aqui sobre o descontentamento dos alunos com a Geografia escolar e a ineficácia com que ela tem sido trabalhada nas salas de aula.

A entrevista realizada continha as seguintes perguntas:

- 1) O que é Geografia para você?
- 2) Para você, a Geografia serve para quê?
- 3) Você gosta de estudar Geografia? Por quê?
- 4) Quais os conhecimentos geográficos, aprendidos em sala de aula, você utiliza em seu dia a dia?
- 5) Para você, a disciplina Geografia é fácil ou difícil de ser assimilada/aprendida?

Podemos observar que já na elaboração das perguntas houve a preocupação em deixar explícito que as respostas deveriam ser pessoais. Por isso, ao invés de simplesmente perguntarmos “O que é Geografia?” optamos por perguntar “O que é Geografia para você?”. Pode parecer um detalhe muito simples, porém a escola acaba levando o aluno a acreditar que para muitas perguntas, só existem dois tipos de respostas, a certa e a errada. Para a maior parte dos estudantes, ainda é difícil acreditar que alguém deseja realmente ouvir o que tem a dizer, o que ele pensa e não apenas que ele repita o que aprendeu nas aulas de forma pronta e acabada.

Os resultados obtidos com as entrevistas mostraram que os alunos têm extrema dificuldade em definir o que é Geografia. Que não possuem clareza do seu objeto de estudo e também não veem utilidade nos saberes geográficos trabalhados em sala de aula para sua vida cotidiana. Mesmo os alunos entrevistados que afirmaram utilizar um ou mais conhecimentos geográficos aprendidos em sala de aula no seu dia a dia, na hora de explicar quais eram estes conhecimentos utilizados, escreveram termos aleatórios que eles ouviram em sala de aula, não

conseguindo explicar como aqueles conteúdos lhes eram úteis. Vejamos algumas dessas respostas:

Aluno 1: “Globalização, reforma agrária, espaço geográfico e etc.”.

Aluno 2: “Meio ambiente é o que mais pratico”.

Aluno 3: “No dia a dia utilizamos o conhecimento sobre ONU, PIB, BIRD que os jornais da televisão sempre falam”.

Aluno 4: “Sobre o planeta Terra, a litosfera, a poluição atmosférica e muitas outras coisas e sim aprendemos e utilizamos nosso dia-a-dia algumas coisas”

Na fala do aluno 3, podemos perceber que, apesar de a pergunta ter sido elaborada para se obter uma resposta pessoal, ‘Quais os conhecimentos geográficos aprendidos em sala de aula, você utiliza em seu dia a dia?’, o aluno responde no plural: “No dia a dia utilizamos o conhecimento sobre ONU, PIB, BIRD que os jornais da televisão sempre falam”. Ao questionar o aluno sobre o significado dessas siglas, ele riu e respondeu: “sei não, fêssora”. A resposta do aluno 4 também é curiosa e nos faz pensar sobre que tipo de conhecimento sobre a litosfera um aluno do Ensino Médio utiliza no seu cotidiano. As respostas nos levam a acreditar que os alunos não creem de fato que utilizam algum conhecimento geográfico em seu dia a dia, porém, responderam que sim, que utilizam, achando que aquela seria a “resposta” certa. Daí a dificuldade em apontar quais são esses conhecimentos, pois mesmo na tentativa de responder o “certo” não sabiam o que seria adequado citar.

As entrevistas foram muito significativas e elucidaram bem o tipo de Geografia presente naquelas salas de aula. Além disso, as declarações dos estudantes acabaram levantando várias outras questões que precisam ser analisadas e debatidas. Uma das alunas afirma que a disciplina geografia é “fácil, porque é só estudar e aprender ou até mesmo gravar”, levantando o debate sobre a memorização enquanto prática de ensino. Outro aluno diz que não utiliza nenhum conhecimento geográfico em seu cotidiano, pois no momento sua escola carece de professor de Geografia. Muitos erros gramaticais estão presentes, mas o que mais chamou nossa atenção é a quantidade de alunos que elaboraram frases completamente sem sentido. Há uma grande dificuldade em ler, escrever, formular frases simples, elaborar linhas de raciocínio coesas e com argumentação coerente. Isso demonstra que não apenas o ensino de Geografia “está mal das pernas”, mas que há uma precariedade geral do ensino nessas escolas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 #Geografia, alunos e redes sociais virtuais

Para ilustrar um pouco mais da opinião dos estudantes sobre a Geografia escolar decidimos pesquisar no *Facebook* que, atualmente, é a principal² rede social utilizada por crianças, jovens e adultos no Brasil. Devido ao grande número de acessos e compartilhamentos nessa rede social, ela acabou se tornando um bom termômetro da receptividade e rejeição de acontecimentos e temas variados pelos seus usuários. Nesse sentido, fomos buscar no *Facebook* o que tem sido compartilhado sobre a Geografia escolar. Para isso, como podemos ver na figura 1, fizemos uma pesquisa através do *hashtag* “#geografia”. *Hashtags* são palavras-chave antecidas pelo símbolo “#”, que indicam o assunto que está sendo discutido em tempo real no *Twitter*. Recentemente, o recurso também foi adicionado ao *Facebook* e *Instagram*. A busca através da rede social virtual complementa a pesquisa apresentada no subtítulo anterior e ilustra o sentimento de alguns alunos em relação ao ensino de Geografia em suas escolas.

Figura 1 – Pesquisa no *Facebook* através do recurso *hashtag* (#)



Organização: REIS, 2014.

O que pudemos perceber com essa pesquisa foi que não existem muitos *hashtags* sobre a Geografia. Porém, os que existem, são uma boa mostra da discussão que vimos levantando ao longo deste capítulo. Analisamos e classificamos as postagens em três grupos, que chamaremos de F1, F2 e F3.

O grupo F1 (figura 2) é marcado por postagens puramente informativas, ou seja, que não possuem juízo de valor sobre o ensino de Geografia.

² A pesquisa foi realizada pela CNT e divulgada pelo site de notícias Terra em 17 de julho de 2013.

Figura 2 – Postagens do grupo F1



Organização: REIS, 2014.

Dentre todas as postagens que contêm “#geografia” a maior parte delas se insere no grupo F1. E apesar de não ter grande relevância para nossa pesquisa, optamos por ilustrar este grupo para que o leitor tenha a possibilidade de ter uma visão geral do que vem sendo compartilhado nessa rede social sobre o ensino de Geografia.

As postagens classificadas como pertencentes ao grupo F2 são exclusivamente de alunos da graduação ou pós-graduação em Geografia. Esse é o grupo com o menor número de postagens e a maior parte delas está associada a compartilhamento de informações como pesquisas estatísticas, excertos de livros de Geografia ou ainda fotos dos estudantes reunidos. A única postagem que possui relevância para nossa pesquisa é a de uma graduanda da Universidade Federal do Pará (figura 3).

Figura 3 – Postagem grupo F2



Organização: REIS, 2014.

Essa postagem nos chamou muito a atenção, principalmente, na parte em que diz: “É muito importante saber que nós, futuros geógrafos, podemos levar a Geografia para dentro das escolas de uma forma diferente, interessante e muito mais além do que consta nos livros didáticos”. Se a estudante afirma que há possibilidade de levar a Geografia de outra forma, ou

seja, de um jeito interessante para dentro das escolas, é certo que ela acredita que hoje a Geografia não atrai os alunos por ser desinteressante. Além disso, o pequeno depoimento coloca em evidência uma das permanências presentes no ensino de Geografia, que é a utilização do livro didático como principal e, às vezes, a única ferramenta utilizada pelo professor.

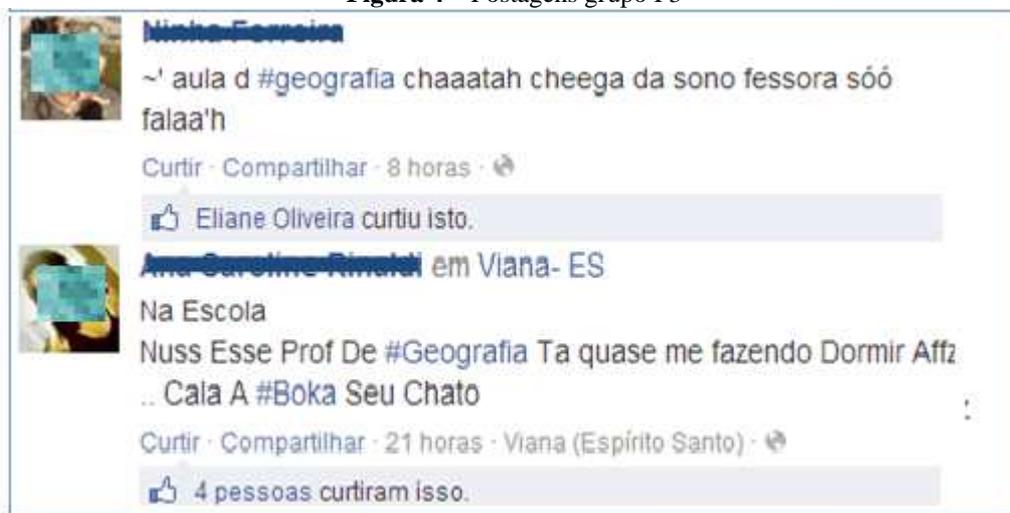
Segundo Kimura (2008), a atual geração dos livros didáticos possui uma qualidade extremamente superior aos livros utilizados na época da ditadura militar, porém é importante que o professor fique atento quanto ao modo de utilização desse recurso, pois tanto um como outro tipo de livro serão equivalentes se o seu uso for mecânico e se ele constituir, como usualmente tem acontecido, em um livro-guia, o mestre do ensino-aprendizagem (KIMURA, 2008, p. 26).

A autora, em seguida, prossegue fazendo um apontamento de como o livro didático deve ser utilizado pelo professor para que ele possa enriquecer a sua prática e não limitá-la.

Se o livro didático for utilizado como um material auxiliar de apoio ao trabalho didático do professor, este poderá apoderar-se do mesmo, da mesma maneira como ele pode apropriar-se das diversas mídias. O livro didático será, assim, uma dentre todas as outras mídias. Desta maneira, esse material poderá apenas fazer parte do acervo de estratégias para elaboração do fazer-pensar do professor, que poderá, assim, construir sua autonomia, não se colocando como um refém do livro didático ou de qualquer outra tecnologia educacional (Kimura, 2008, p.26).

Na postagem da estudante da UFPa, vemos ainda, a satisfação pela escolha da licenciatura diante da possibilidade de poder contribuir para um ensino de Geografia diferente do atual, ou seja, que não se restrinja ao livro didático ou a qualquer outra permanência que torne a Geografia escolar desinteressante para alunos que a estudam. Voltando às demais postagens encontradas no *Facebook*, chegamos ao grupo F3 (figuras 4 e 5).

Figura 4 – Postagens grupo F3



Organização: REIS, 2014.

Neste grupo, enquadraram-se as postagens marcadas por críticas e reclamações, dos alunos da Educação Básica, sobre suas aulas de Geografia. O desabafo desses estudantes nas redes sociais é mais uma pequena mostra do descontentamento dos alunos com o atual ensino de Geografia presente nas salas de aula.

Figura 5 – Postagens grupo F3

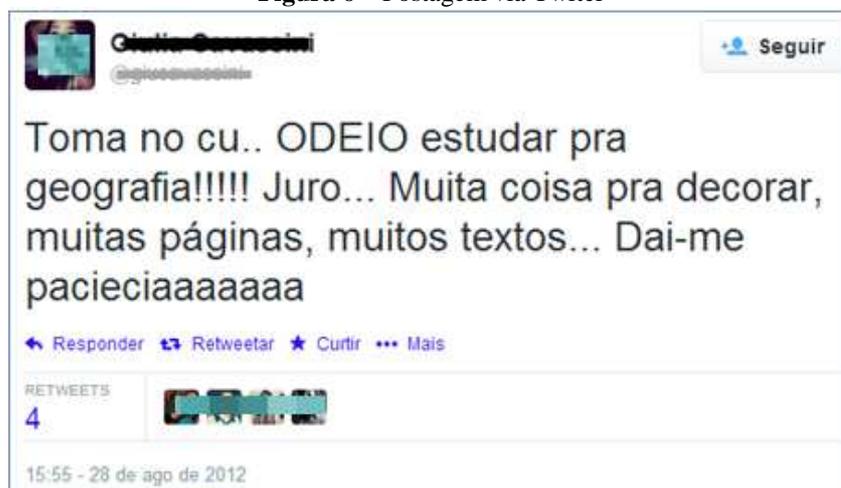


Organização: REIS, 2014.

Pelo que pudemos ver nas publicações apresentadas (figuras 4 e 5), as principais reclamações dos alunos atestam que as aulas de Geografia são chatas, tediosas e que chegam a dar sono. Alguns reclamam ainda dos professores, que pelos relatos, parecem dar aulas essencialmente explicativas, utilizando, talvez, apenas sua própria voz. O último relato que expusemos mostra ainda a falta de clareza sobre a utilidade da Geografia escolar. Ainda que em tom de piada, o que a aluna escreve na sua página pessoal é que, para ela, a Geografia só serve, de fato, para a localização de lugares e/ou fenômenos.

Apesar de não ter sido via *Facebook*, uma publicação em outra rede social virtual (*Twitter*) também nos chamou bastante a atenção por seu conteúdo extremamente hostil. Vejamos abaixo:

Figura 6 – Postagem via Twiter



Organização: REIS, 2014.

Esse relato traz presente não só o descontentamento de mais uma aluna com o ensino de Geografia, mas também evidencia o que falávamos anteriormente. A memorização (ou decoreba) ainda está fortemente presente nas salas de aula. Os alunos, independente de aprenderem ou não os conteúdos, os memorizam para aplicá-los nas avaliações e, assim, conseguirem a aprovação.

Esses dados nos fazem acreditar que não podemos parar a análise por aí. O diagnóstico geral é que o ensino de Geografia precisa melhorar. Logo, é necessário não só apontarmos os aspectos que precisam ser mudados. É necessário, também, investigarmos o porquê de cada um desses aspectos estarem presentes no ensino de Geografia e quais as dificuldades de superá-los. Muito da precariedade do ensino de Geografia está atrelado ao contexto em que ele está inserido. E se hoje a Geografia continua não satisfazendo nem aos alunos, nem aos professores que a ministram, como nos apontava Oliveira (2008), é preciso investigar os motivos que levam a isso - tanto os que se encontra no chão das salas de aula, quanto nas instâncias que extrapolam os muros da escola.

Aqui, então, surge algum questionamento que podem ser norteadores dessa problemática em questão e que podem auxiliar a reflexão dos professores: “Por que ainda hoje a Geografia é vista por tantos alunos da Educação Básica como uma disciplina tediosa e desligada de suas vidas cotidianas?”. “Será que hoje as aulas de Geografia ainda se põem a colocar o aluno a decorar o nome dos principais rios e seus afluentes, bem como o nome dos Estados e suas capitais, ou isso é coisa do passado?”. É verdade que muitas permanências insistem em fazer parte da Geografia escolar, mas será que são essas permanências as responsáveis pelos rótulos que o ensino de Geografia tem recebido ao longo de várias décadas? Quais as dificuldades de ultrapassarmos certas permanências, como a memorização e a fragmentação dos conteúdos, no ensino de Geografia? Onde se encontram as raízes do descontentamento de alunos e professores com a Geografia escolar?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de uma Geografia descritiva, fragmentária, mnemônica, apolítica e distante da realidade cotidiana dos estudantes vem alimentando o tédio e o desinteresse de gerações de indivíduos que passam pela Educação Básica da Rede Pública de Ensino. Através de uma entrevista realizada com alguns alunos do Ensino Médio da Rede Estadual do Rio de Janeiro e de uma busca na rede social do *Facebook* pudemos corroborar e ilustrar nossa preocupação em relação à insatisfação dos estudantes com o ensino de Geografia em suas escolas. Não

vendo utilidade nos saberes trabalhados em sala de aula, os alunos não se interessam pela disciplina geográfica e apenas decoram seus conteúdos para aplicá-los na hora da avaliação.

Não tendo a intenção de fazer diagnósticos ou apontar possíveis soluções, procuramos, ao longo deste artigo, evidenciar a insatisfação do alunado em relação à Geografia escolar e lançar um convite à reflexão por parte dos docentes de Geografia sobre a sua disciplina de ensino. Em nossa pesquisa pudemos perceber que a memorização ainda se faz presente nas aulas de Geografia, porém não mais na forma de longas listas a serem decoradas, ou seja, como método, mas sim como objetivo final. Isso significa que pouca importância tem sido dada em relação a todo o processo de ensino-aprendizagem em detrimento das avaliações. Se o aluno atinge a nota ou conceito mínimo para aprovação, pouco importa se ele aprendeu de fato ou não aquilo que foi ensinado durante o ano letivo. Mas isso não acontece apenas com a Geografia escolar. Basta olharmos as estatísticas que veremos a quantidade de analfabetos funcionais que saem das escolas todos os anos com seus diplomas da Educação Básica nas mãos. Ao levantarmos esses problemas abrimos espaço para a reflexão e discussão acerca do tipo de Geografia que tem sido levada para dentro das salas de aula, Geografia essa que, muitas vezes, realmente não passa de uma “descrição desinteressada do mundo”, como já denunciava Lacoste em 1976.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB Lei nº 9394/96. Brasília: MEC/SEF, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais** (Ensino Médio). Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALLAI, H. C. **A Geografia no Ensino Médio**, Terra Livre, São Paulo, n.14, jan.-jul. 1999.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2011.

KIMURA, S. **Geografia no Ensino Básico**. São Paulo: contexto, 2008.

LACOSTE, Y. **A Geografia: isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Ed. 15^a. São Paulo: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, A. U. **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, D. Geografia escolar: Conteúdos e/ou objetivos? **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v.27, edição especial, dez. 2005.

VESENTINI, J. W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Editora do autor, 2008.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

REIS, S. G.; KAERCHER, N. A. Um Espectro Ronda A Geografia: O Espectro Da Memorização. **Rev. FSA**, Teresina, v. 12, n. 6, art. 7, p.103-117, nov./dez. 2015.

Contribuição dos Autores	S. G. Reis	N. A. Kaercher
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X